

ANA MAJOR

Nasceu em Luanda aos 10 de Setembro de 1958.
Advogada.
Publicou os primeiros trabalhos literários (poesia)
na revista "Archote", integrou o grupo musical "Tchissossi"
e é membro fundador do grupo "Elinga-Teatro".
Desde 1996 é membro da União dos Escritores Angolanos.

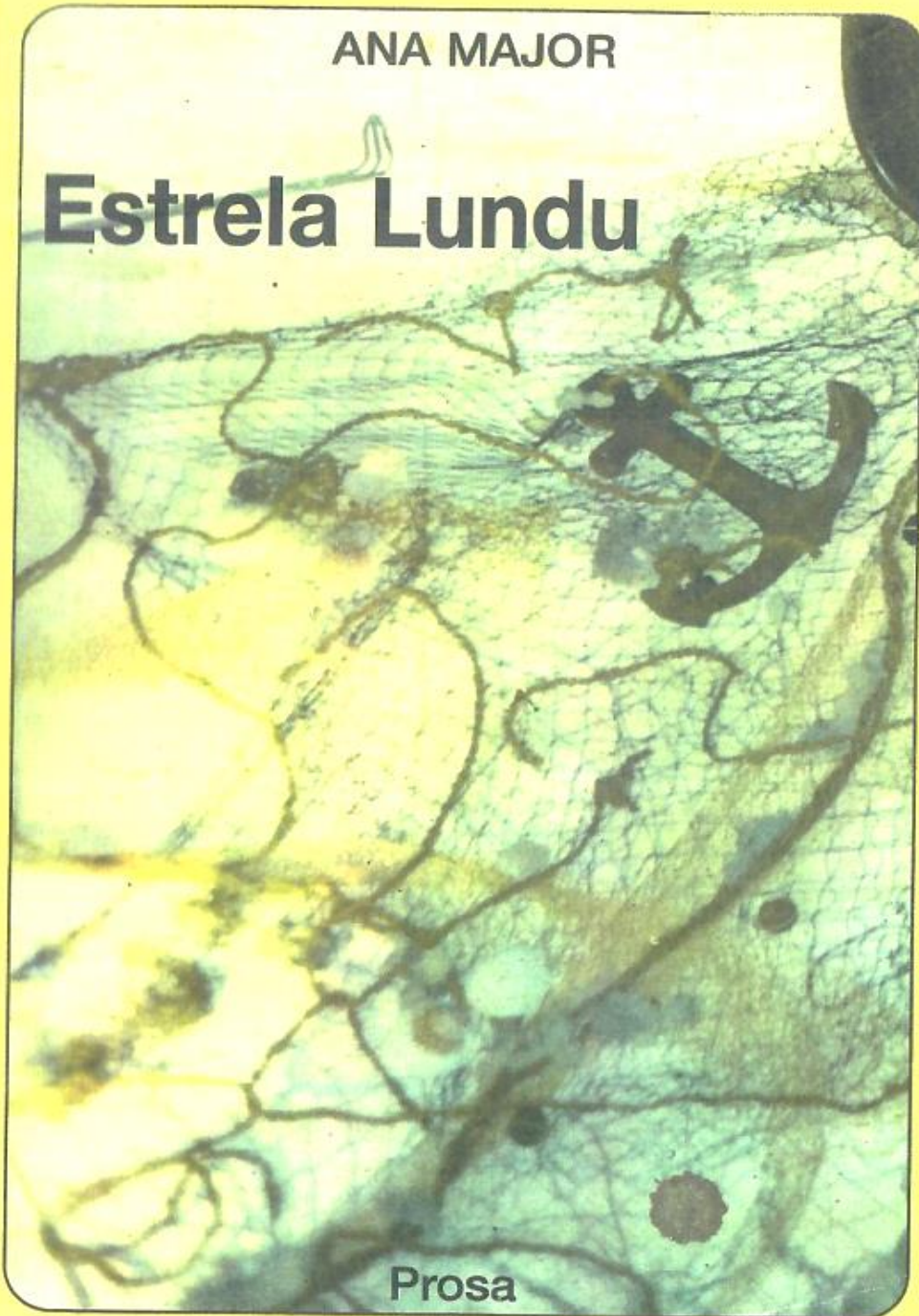


SONANGOL

Menção Honrosa
do Prémio Sonangol 1994

ANA MAJOR

Estrela Lundu



Prosa

ANA MAJOR

ESTRELA LUNDU

PROSA

ANA MAJOR

ESTRELA LUNDU

PROSA

Título: Estrela Lundu
Autor: Ana Major
Capa: Joaquim J. Cristiano Júnior
Editor: União dos Escritores Angolanos
Tiragem: 1.500 exemplares
Edição: Luanda, Junho 1998
Execução Gráfica: Ponto Um/Intergráfica
Direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
© Ana Major



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

*Às minha filhas
a cor e o esplendor
que um sonho em si eternizou*

*“– Tranquila-te, eu não te venho buscar..
– Não percebes? Eu venho procurar um lugar
em ti.
Explicou suas razões: só guardava a eterna
vocação das fontes. ...
– Me deixa nascer em ti.
Fechei os olhos, em vagaroso apagar de mim.
E assim deitado,
todo eu, escutei meus passos que se afastavam. ...”*

MIA COUTO
(Cada homem é uma raça)

I

« – Há seres que habitando a terra não são como nós.

Não falo de feiticeiros. Esses são como nós, com uma vida igual a nossa – podem ser presidentes, ministros, empregados nas nossas casas, parentes muito chegados ou os melhores amigos.

Que importa! Essa é gente que nasceu para o mal. Não! Não é de feiticeiros que falo. Apesar dos seus poderes, são bichos da terra.

Falo de outros seres. Criaturas que habitando a terra são gente de outro mundo.

A sua voz grave era cortada pela baforada de um cigarro “negrita” que mantinha aceso no interior da boca.

– Um dia, se os encontrar, ficará com eles, vê-los-á partir. Deixe-os ir, não deite lágrimas, não fique triste. Fique bem no seu silêncio. Sem mágoa, sem lágrima. Sem palavras. Um silêncio de ouro.

Ofereça um pote de mel ou algo vindo de si. Deixe partir em paz. Sem mágoa, sem mágoa!

Voltará um dia, nunca para ficar. Cada chegada sua anunciará o júbilo. Onde estiver, zelará para que nenhum mal o atinja.

– Como saberei eu que estou perante um destes seres se ele é como eu e você? – Indaguei.

– Sentirá:

O seu ritmo ...

O seu piso. Os pés... falarão de coisas invulgares.

As mãos imensas, levemente tocarão...

Olhos de água... transparentes.

Raios de luz, o brilho a volta.
A cor, o esplendor.
O seu som... Ah! O som só você ouvirá, ninguém mais.
São seres raros... ...da água! Estão no meio de nós, zelam por aqueles que são seus. Vigiam o tempo e cuidam das águas.»
Ainda hoje, a lembrança deste diálogo estremece-me o corpo e deixa minha alma perplexa.

II

Saira à rua naquele dia, com sorridente disposição.
Apressada, mas dengosa, caminhava entre aquelas gentes.
Ninguém pusera os olhos nela, nem notara a sua presença. Era mais uma entre tantas outras. Apagava-se com intenção. As cores neutras que então vestia, eram o resultado de uma sutil e hábil escolha.
«Leve, porém, perfeito para uma dançarina; sóbrio e ainda assim, feminino; contudo, prático para o amor e, chique para se fazer distinto e preferido.» – Esta era a regra do seu trajar.
Desta vez, era castanho bronze o vestido de alças que trazia.
Insinuante, mal se demarcava da cor da pele; transparente apesar da cor bronze, e, arredondado pelo leve franzido, podia voar e deslizar, sugerindo uma displicente pincelada de aguarela.
O sol era abrasador e incomodativo. O vento, raro, apesar da luminosidade do dia.
Parecia um tempo de horas apáticas e rotineiras. Um tempo de paciente espera ou de um sábio fazer acontecer.
Dobrou a esquina e erguera os olhos. A estrada era suficientemente extensa e a multidão tanta, que não era fácil avistar o longo caminho a percorrer. Tão pouco chegara até ela o cheiro a maresia, anunciando próximo o encontro com a praia.
Caminhava apressada. Não fossem claras as sandálias e negros os pés, dir-se-ia que a leveza do seu caminhar devia-se aos pés descalços.
Enquanto atravessava a multidão, um homem roçara-lhe propositadamente o antebraço no seio. Ela parou e olhou. O homem ali estava parado

também. Rude e sujo, mas na verdade um homem. A intenção de insultá-lo, foi-se perante aquele olhar insinuante e atrevido e, a vergonha pelo desmanchar do seu instinto animal encobriu a raiva e fê-la retomar o percurso como maior pressa, para não se ver descoberta.

A sensação de prazer suscitada por aquele antebraço e aquele olhar, permaneceu e percorreu-lhe a espinha por algum tempo ainda.

Naquele longo percurso, perdeu-se e encontrou-se, lembrando e esquecendo coisas. Banalidades que tornavam leve o percurso; curiosidades que ocupavam o seu tempo; seriedades que a faziam obstinada, obsessiva.

O poema de "A Decisão da Idade"^(*) uma vez mais, perseguiu-a e alguns dos seus versos tornaram-se nítidos na sua mente:

*«descobrirás pelo som...
...atenta escutarás...
...a noite intransitável...
...pelo som descobrirás
que é nocturna a posse
das estrelas...
...pelo som descobrirás
a justa ocasião da tua entrega...
...a gerar-te/ a externa vocação de viajar.»*

Se lhe faltava a ciência para sabiamente fazer acontecer, tinha, no entanto, a maturidade para a sábia espera – na verdade qualquer tempo de paciente espera pode ser um tempo de úteis descobertas.

Caminharia por algum tempo ainda. Algumas vezes quase cedeu perante a tentação de parar e descansar. Mas não. Era preciso não ganhar preguiça.

Passou por inúmeras pessoas, as mais diversas; algumas suscitando até, uma certa simpatia. Porém, a vontade de diálogo se esboçava apenas, sendo logo substituída por um breve sorriso.

Por vezes, esqueceu a pressa que trazia. Perdeu-se recitando reclames de lojas, velhos e incompletos, novos e insólitos, uns nada dizendo de si, outros, talvez anunciando tempos nada mais que pressentidos ou épocas não antes imaginadas em terras angolanas.

(*) Ruy Duarte de Carvalho

As poucos, aos poucos, os seus pés se acostumavam à velocidade com que os seus olhos passavam pelos reclames e a lentidão com que o pensamento os registava.

Apressava novamente o passo. – Deste modo, o seu caminhar era o intercalar de pressa e vagar, como que reflectindo estados de alma de ansiedade e calma.

Chegou finalmente à marginal. O cheiro a maresia trouxe-lhe o prazer de quem se aproxima do fim de um longo percurso – à beira mar a caminhada seria agora grata.

A marginal luandense estava repleta de gente. Comemorava-se o fim de uma guerra.

Na manhã desse dia os crentes de todas as igrejas da cidade haviam-se congregado numa missa para, em acção de graças, louvar e bendizer o nome do Senhor, pela paz que concedera a terra e pela luz que fizera resplandecer sobre os homens.

A essa mesma hora, em todas as outras cidades do país, os crentes se reuniam e, a eles se chegavam todos aqueles que não o sendo, partilhavam o mesmo sentimento.

Da Igreja viera o apelo à unidade. Viera também o apelo à serenidade e ao bom senso.

A paz nascia delicada e frágil, talvez pressentida e desejada tão só.

O estabelecimento do fim da guerra não era tudo. Não obstante as pessoas trazerem já o corpo cansado e a alma suficientemente marcada, adi-vinhavam-se dias difíceis.

Quando ela chegou à marginal, decorria então a procissão que se seguira à grande missa. Corria pelas ruas, da Sé à Nazaré, um rio de gente vestida de branco, entoando hinos ao bom Deus. Vista de cima, a imensidão das cabeças das mulheres cobertas com lenços lembrava o movimento singular de aves brancas levemente caminhando sobre o chão da avenida.

Podia dizer-se que só então os mortos daquela guerra foram a enterrar. As almas passariam agora a descansar em paz, zelando pela continuidade

da vida na terra e pelo bem estar dos homens. – Assim se esperava, pelo menos.

Fora uma homenagem condigna e sem precedentes.

Ela sentia-se radiante. Para si, era um dia de anunciação, de júbilo, um dia em que a felicidade nasce. Apesar disso as interrogações continuavam a calar no fundo do seu eu.

Ficara perplexa quando na marginal se deparou com a procissão. Mas os cânticos a absorveram de tal forma, que ela deu por si a acompanhar e a tomar parte daquela marcha.

Quando chegou à Igreja da Nazaré, não esperou pelo fim do acto, atravessou por entre a multidão e seguiu finalmente o seu destino.

Percorreu a marginal apressadamente. Quando tomou consciência do caminho percorrido, precisou apenas de alguns passos mais.

Alcançou então a praia.

O mar era uma festa!

Ele olhou-a como que regozijado com a sua presença.

Cada onda deixava a espuma branca na areia fina e o seu som penetrava-lhe o corpo.

Caminhou um pouco pela praia entretendo a espera, dominando a ânsia.

Procurou entender em vão o diálogo do espaço com o seu corpo. Um diálogo alheio à mente, à razão.

O vento levava o seu vestido castanho bronze transparente e acariciava-lhe as pernas nuas.

De um lugar não longe, chegava-lhe a algazarra de crianças que, por breves momentos, a fez recuar no tempo. Recordou rituais porque passara e velhas estórias.

Rituais carregados do testemunho de gerações passadas e velhas estórias perdidas na memória de um tempo esquecido e ainda não dito pelos novos contadores.

Não era ela, afinal o testemunho vivo desse conjunto de vivências? Sim, uma marca original das suas gentes? Porque a faziam diferente?

Quem seria ela? – Estas perguntas e tantas outras, uma vez mais, habitaram a sua mente.

Deixou-se ir pelo tempo e, com a algazarra das crianças, chegou a ser menina. Cantou no silêncio do seu interior:

*«Eme pemba
oh! Pemba, pemba laka
oh! Laka, laka xinge...»*

*«...nem só neste mundo
se passam fadigas
parece que estás brincando
oh! laré, comigo, às escondidas.»*

O bater forte de uma onda afastou-a daqueles restos de infantil inocência, trazendo-a para a mulher que era.

Sentou-se perplexa na borda de uma canoa ali abandonada, enterrou os pés na areia, observando a espuma das ondas desfazerem-se bem perto dela. E, enquanto isso, tentou fugir de si, perder-se em imaginações que a pudessem afastar daquela obsessiva busca.

Imaginou o mar – esse outro mundo!

Desenhou-lhe vidas e esboçou-lhe encontros. Teceu o elo do amor que o unia à terra e urdiu-lhes intrigas a partir das rochas cochichando.

Onde a terra entra o mar penetra. Apenas ali onde o mar permite a terra vai mais além – constatou, observando a natureza. E concluiu: – é inteligente! Não pode ser de outro modo; a sabedoria do amor e da vida deve assentar nesse jogo equilibrado de cedências e conquistas!

Não trouxessem as ondas o som e o prenúncio de outros acontecimentos, e ela teria ficado ali perdida na ingenuidade das suas contemplanções e imaginações.

Porém, desde que ali chegara, nada mais dependeria, da sua vontade. Podia retardar apenas. Aliás ter chegado até ali, representava uma tal obsessão, que ela se questionava, se teria isso dependido da sua vontade. Não teria ela conseguido apenas adiar, até onde foi possível? E agora?...

Moveu-se pronta para o momento que sentia chegar pelo eco no seu corpo.

Dentro de si tudo era movimento. O som crescia mais e mais. Era um

momento de acontecer sem precipitar – o que é difícil quando a ânsia galopa e o corpo é delírio.

Ergueu os olhos em direcção ao mar.

Lá estava ele imponente e másculo. Voluptuoso. Com fulgor no olhar, estendeu-lhe os braços imensos e fortes

Ela molhou os pés e caminhou lenta e leve de encontro a ele. Entre o poisar de um pé e o levantar do outro espaçava-se o momento que os quedava, como que, em suspenso.

Seria o momento?

O som cresceu mais e ela deixou que uma onda a retirasse dos seus braços e a devolvesse a terra tornando cara a sua entrega. – Afinal, uma entrega para ser rara, não tem que ser também o resultado de uma sútil recusa? Sim, de ofertas e recusas, se fazem as grandes entregas, e esta era uma delas.

Depois, atirou-se finalmente à água e deslizou decididamente como um Negro Cisne. Que nem Peixe-Prata, talvez!

Como rainha das águas deslizou de encontro ao sol que a essa hora se punha no horizonte.

O momento era dourado, como dourada era a entrega, o sol, o horizonte.

O som cresceu... cresceu, cresceu.

Era o deslizar na imensidão daqueles braços. Era a entrega para a sua descoberta ou quem sabe... ...a descoberta para o início de novas entregas.

III

Desci à cidade.

A minha presença espantou o sossego das pombas na ponte que separa a cidade da ilha.

Atravessei a zona asfaltada que antecede o bairro dos pescadores da Xicala.

Noutras alturas, talvez me detivesse a observar as casas, ou talvez me viessem a mente velhas imagens daquele espaço. Quem sabe? Talvez eu procurasse recompor um retrato que apagasse deterioração que ali se instalou em cada telha, em cada árvore, em cada ser que ali permaneceu, ou que com ela se instalou também. Talvez descortinasse ainda raros traços de um antigo recanto.

Porém, mergulhado nas minhas preocupações, atravessei indiferente esse pedaço da Xicala.

Não tivesse eu que dar passagem a um carro que com dificuldade transitava no troço estreito, que separa a Xicala do asfalto, da Xicala dos pescadores e nem do troço estreito me teria apercebido. Mesmo assim, não fiz mais do que constatar que um dia as águas desbastariam aquela estreita passagem, separando irremediavelmente as duas Xicalas.

Estava agora na Xicala dos pescadores, aquela que, certamente, o mar engolirá, quando as águas desbastarem irremediavelmente o troço de terra que ainda separa as duas.

O mar apresentava-se de um azul calmo. Do lado do bairro da Praia do Bispo, escassos patos brancos nadavam sobre as águas daquela baía.

Do lado da contra-costa, leves ondas movimentavam as águas.

Caminhei um pouco sobre a areia, buscando os indícios da presença dela; procurei as marcas dos seus pés ao longo da praia.

Um cheiro especial denunciava-me a sua presença ali e eu experimentei uma irreconhecível sensação de alívio e de arrepio. – Ela estará algures por aqui. – Pensei.

Avancei um pouco mais pelas areias e alcancei a zona das casas desse pequeno bairro de pescadores. – Aos seus moradores, nada dizia a minha presença, tão habituados estavam a presenças estranhas, de turistas ou de outras gentes que ali buscavam o espaço para o lazer ou o refúgio para o negócio marginal.

Alguma coisa me levava até a Xicala e eu não sabia identificá-la. Havia em mim uma certa nostalgia que se reflectia na lassidão do meu caminhar. Parei junto à canoa e sentei-me nela, perdido entre o alívio, o arrepio e a nostalgia.

De repente, foi como se alguma coisa me prendesse àquele lugar anunciando a sua presença, fixando o ponto em que a poderia encontrar.

Na areia a minha atenção voltou-se para a marca dos seus pés, de algum modo, já lavada pelas ondas. Com algum esforço, pois já ia escurecendo, acompanhei-as com o olhar.

Ali onde desapareciam na água... fez-se luz.

Um clarão escureceu os meus olhos.

A minha pele ficou completamente arrepiada.

Luz e cor espalharam-se por toda a água e pela escuridão de espanto que me tomava o olhar. O meu corpo ficou hirto e ergueu-se numa rapidez desconhecida.

Contudo, as minhas pernas não se moveram, comecei a tremer; algo estava a acontecer, qualquer coisa prendia a minha respiração.

De súbito, naquela escuridão feita de imensos raios de luz e cor sobre os meus olhos, eu pude descortinar os contornos do seu corpo.

A minha alma abriu e toda a luz habitou o meu interior.

Uma Kyanda(*)! – Admiti, sem contudo acreditar.

Caf em mim, alguns minutos mais tarde, e lembrei-me da minha amiga Laura. Vagamente, dos versos que ela recitava ao mar, todas as vezes que nos encontrávamos em praias solitárias.

(*) Kyanda: no sentido comum: o mesmo que sercia; no sentido figurado: mulher sedutora ou de camo sedutor (do dicionário)

Para Laura era um ritual. Agora eu a entendia.

O mar era o seu Senhor. Ela o teria escolhido? Talvez.

Criara as suas preces, porém, eu ridicularizava-a e gozava. Talvez essas preces me ajudassem!...

Mas, eu não conseguia recordar-me de um único dos seus versos. Habituara-me com o tempo e pelo espaço que ela chegara a ocupar na minha vida, a vê-la e a ouvi-la em prece e em cântico. Contudo, nada retive. E agora, há muito que ela tinha partido e, com ela os seus versos também.

Uma Kyanda! – Constatei. – Quanta luz e cor. E quanta incredulidade a minha.

Olhei o imenso mar. Ali estava Ele.

*«A veste em prata, a pluma branca
sinais de glória de quem, dádiva acolhe
a veste em prata, a pluma branca
rios dilatando água cristalina.*

*A nata
a pedra lisa
a festa verde
a mesa farta
e o filho mais perfeito.
Também o meu regaço
a lágrima mais rara
e meu silêncio inteiro»*

Nada mais eu possuía.

Procurei em vão alguma coisa. Um pote de mel, qualquer coisa.

Nada! palavras soltas, promessas ao vento e um silêncio..., inteiro.

Minhas mãos despidas, meu peito nu.

Duas grossas lágrimas brotaram dos meus olhos.

– Sem mágoa – lembrei-me.

– Sem felicidade também – constatei.

– Quem soube, algum dia, discernir o que de grandioso pode haver no momento de tão grande perda? Não. Não seria eu.

Incrédulo e frágil, chorei. Chorei lágrimas fundas. Por amor? Que outra razão maior eu teria? Só por amor!!!

Senti-me infeliz. Senti-me só e sem norte. Se o mundo ali tivesse acabado, nunca teria dado por isso.

A noite caiu sobre os meus ombros.

Adormeci na areia branca da praia.

Acordei com o barulho de alguns pescadores que passavam próximo dos meus pés.

Pelo que pude perceber, a minha presença não havia sido notada.

Sentia-me pesado e cansado. Muito provavelmente dormira horas, descansara apenas breves segundos e talvez tivesse percorrido séculos.

Havia em mim um indecifrável sentimento.

A noite ia alta. Pensei em regressar à casa, mas não tinha força suficiente para o fazer. Deixei-me ficar assim deitado sob a imperceptível sombra da canoa, olhando o céu, ouvindo os silêncios da noite e do mar.

Aos poucos, fui despertando e recompondo as imagens que antecederam o meu adormecer.

– Uma Kyanda – voltei a admitir e a estremecer.

Lembrei-me de coisas sabidas e ditas. A antropologia sempre me fascinara. Eu lera todas as páginas dos escassos autores.

Algumas descrições dessas páginas vieram à minha mente. Procurei recordar-me do raciocínio, subjacente à elas: tentei conclusões, tal como já o fizera antes, num tempo em que não era difícil um consenso que permitisse encarar a Antropologia como uma porta aberta, para as principais decisões.

Lembrei-me do quanto me deleitava com o que de fantástico e maravilhoso havia nessas páginas e do quanto ainda hoje a minha curiosidade faz-me perseguir o misterioso guardado nesses fenómenos.

Guardava em mim o que a minha imaginação trouxera à minha mente quando me permitia extrapolar a realidade dos livros. Fui arrastado sem saber como, para um outro mundo. Um fascinante mundo onde as pessoas tinham estranhos destinos e raras paisagens enchiam o seu espaço circundante.

Quem era eu para avaliar o que via e acontecia.

Que podia eu pensar perante factos tão indescritíveis. Irreais? Impossível?... – Catanas de um vermelho brasa, que passando de mão em mão, evidenciavam o pecador omissos; mulheres que pariram filhos quando já estavam perdidas na tão vã esperança de algum dia os poderem ter; a percussão de tambores e a cura aos possuídos... Enfim, quem era eu para julgar.

Quanto conhecimento me foi dado do homem!... Julgava eu ter atingido uma elevada percepção da natureza humana.

Estava certo que a vida não me surpreenderia, tão longe tinha chegado a minha vivência. E eis que de repente uma Kyanda entra na minha vida...

– Se tivesse percebido antes!... Talvez... talvez tivesse feito qualquer coisa. Mas o quê?

Permaneci deitado. Sem sono, sem forças para qualquer coisa que não fosse estar ali.

Perdido no tempo, sentei-me saboreando longamente o único cigarro que o meu bolso guardava.

Estava de tal modo absorvido com o meu divagar quando um ponto ao longe, no mar atraía a minha atenção. A princípio parecia a luzinha ténue e distante de um barco.

Comecei a sentir-me perturbado por uma expectativa que crescia com o aproximar da luz.

A escuridão foi-se abrindo, o meu peito batendo cada vez mais forte e eis que de repente... fez-se dia! ...

Uma imagem, a princípio embaciada, foi-se tornando nítida. As cores foram tomando a forma dos objectos, os movimentos denunciando os seres. Belas e vivas eram as cores que trajavam! O verde vivo e o rosa-choque, o branco, o azul, o amarelo, oiro e prata, toda a cor, o brilho por toda a parte.

A percussão foi entrando no meu corpo e eu fui me confundindo com aquele conjunto.

Sobre um extenso lençol de espuma, num mar azul, habitava o canto, a dança, a cor e a festa total.

Partilhei com aqueles seres a dança, cantei, percorri os meus dedos sobre a pele lisa e fina dos batuques.

Quando me senti no meio do círculo dançando, este foi alargando quase imperceptivelmente e bem à minha frente abriu-se.

A minha Kyanda surgiu dançando um passo de rainha.

Parei para vê-la. Não é possível descrever tanta beleza como não seria possível descrever a felicidade imensa, a profunda tristeza, ou a dor intensa.

Alguns rostos pareciam-me familiares, mas não conseguia distingui-los perfeitamente e nem sabia ao certo a origem dessa familiaridade.

Havia também estranhos seres, bichos do mar, talvez. Não me detive neles senão depois, mais tarde, na vã tentativa de recompôr imagens.

Eu ficara possuído. Apaixonado. – Como acontece nestes estados de alma, os pormenores perdem-se. Depois, por vezes a memória os recupera para nos trazer à realidade ou para contabilizar perdas.

A certa altura ela começou a cantar, perdi-me no espaço, já perdido estava no tempo.

Uma Kyanda de branco vestida, um lenço arco-íris marcando a cintura, os cabelos lembrando o brilho transparente e colorido de bolinhas de sabão. E aquele som ...

O meu corpo e a minha alma cresciam. Pensei que algo podia estoicar em mim.

Os meus pés ficaram suspensos. A isto talvez se chame júbilo, êxtase – não sei.

As lágrimas brotaram-me descontroladamente. O peito doía-me de tanto crescer. Tudo doía com a mesma força e intensidade da tristeza que sentira ao perdê-la.

Depois, tudo se foi fechando, o som foi baixando e eu vi-a sair por entre a multidão. Tentei segui-la, mas rapidamente o círculo se fechou, os rostos foram se tornando cada vez mais imprecisos, as cores esbatendo e a imagem foi embaciando.

Gradualmente a escuridão foi tomando a sua forma inicial.

O cansaço e a felicidade arrastaram-me para um sono fundo e longo.

Quando despertei, os pescadores puxavam as redes.

O meu corpo estava ainda cansado e dolorido.

Olhei o mar:

*«...a veste em prata
a pluma branca
e o meu silêncio inteiro...»*

Sem mágoa, porém com felicidade.

Caminhei sem destino e mergulhei no vício da cidade.

IV

Era uma manhã de um sábado quente. Eu levantara cedo, um pouco mais do que normal e distendera-me no cadeirão da varanda apreciando o silêncio em que as coisas estavam mergulhadas, apenas com os raios de sol a quebrá-lo.

O dia era claro, luminoso. Deixei-me levar pela lassidão que um dia assim proporciona. Não havia compromissos senão com o estar ali comigo. Entre um cigarro e outro, mergulhei nos meus pequenos problemas e nos grandes da terra.

Fiquei quieto, pensando apenas

« – os dias tornam-se agora cada vez mais difíceis e é raro o momento em que não nos interrogamos sobre os destinos a dar as nossas vidas. A paz chegou, acenou e, tão logo, antes mesmo de nos habituar à sua presença, desapareceu deixando no seu rasto um rosto de miséria e morte. Este se detém aos nossos olhos como num palco aberto ao céu e extenso para lá do horizonte.

O espectáculo da guerra nunca mais saiu do nosso quotidiano.

É incrível como a guerra, também ela, pode ser um espectáculo com grandes aplausos na apoteose... E pensar como até na guerra, que é tragédia, ainda somos punidos pelo nosso subdesenvolvimento... provavelmente os efeitos da tecnologia de ponta utilizada na guerra do Golfo far-se-ão sentir daqui a algumas gerações, quando estas, por sua vez, já serão detentoras de novas tecnologias para anular aqueles efeitos. Na nossa guerra não. Morremos todos, todos os dias um pouco mais. E os efeitos da guerra, porque imediatos, não nos dão tempo, senão para morrer...

tropeçamos de um modo ou outro em cadáveres e esperamos todos os dias por uma notícia de epidemias... – Mesmo assim, é difícil perceber como não somos mais afectados...

Desta Guerra é impossível sermos meros espectadores, aqui somos simultaneamente palco e actores. Erguemos as vestes de personagens que jamais havíamos sonhado, dos mais bizarros aos mais cruéis, do mais santo ao maior anjo, se é que em guerra pode havê-los.

A miséria deixou de estar nos actos, para se instalar comodamente nos nossos espíritos.

E contudo, ainda há rosas para dar aos namorados! Não é tão mau assim, pensam alguns. É claro, há também luxuosos carros que passeiam pela cidade.

Assim se fazem as discrepâncias a partir das quais, todos sonhamos o desenvolvimento, mesmo quando a violência cavalga e não temos meios para detê-la, já que não depende de nós esgotá-la, ou quando a apatia tomou conta das nossas almas.»

– Porque tenho que me martirizar com este tipo de pensamentos, como se não fosse suficiente viver a realidade? Se calhar estou a dramatizar!? – Pensei alto e acto contínuo levantei-me, ficando a olhar para o vazio do céu.

– Que tal tomar o meu cafézinho da manhã? Deve pelo menos ser menos angustiante. – Constatei

Tocaram a porta e eu fui abri-la. Era o meu pequeno ardina, o miúdo a quem eu e mais alguns amigos, demos a tarefa remunerada de trazer o jornal pelas manhãs. Seria sempre menos um pedinte e por isso o incentivamos a colher cada vez mais clientes a quem prestar este e outros serviços.

Enquanto saboreava o meu café passei os olhos pelo jornal. Infelizmente há dias em que ou nós somos demasiado obsessivos, ou as coincidências traíem os nossos projectos. – Se ao menos se fizesse luz em tudo isto?... – Tentei, por essa razão, evitar as notícias fabricadas do jornal. Porém, entre os artigos de opinião, os meus olhos foram cair sobre um que abordava aspectos relacionados com a economia e a crise dos sistemas políticos africanos e as novas tendências na política dos países da Europa, Estados Unidos da América e da ONU, para o equacionamento da questão do continente. Saltou-me a vista a ousadia com que o articulista se referia a possibilidade de África, depois do continente asiático, vir a ser um centro de decisão e de gestão do desenvolvimento do Globo. Não deixava de ser uma interessante teoria pois a sua lógica parecia assentar na própria

dinâmica dos processos civilizatórios. De todo o modo, não seria para a geração dos meus netos, por isso pouco contava. – Percebi que afinal eu continuava a pensar nas mesmas coisas.

– É inevitável – consolei-me.

« – África está conhecendo os caminhos de um grande labirinto. E é claro que, como em qualquer labirinto, a grande dificuldade está em encontrar a saída. Até as novas teorias do desenvolvimento sustentado parecem empurrar-nos para a prevalência do caos!... Muito provavelmente estamos entregues à dinâmica dos processos de civilização e das velhas leis sociais e tudo quanto se faça, implicará sempre uma medida de tempo que não se compadece com as nossas medidas pessoais de sustentabilidade e de sobrevivência... E muito provavelmente, também essa dinâmica de civilização impõe-nos um percurso que logicamente não é o percurso das nossas opções pessoais...»

E por falar em “civilização” sou tentado a voltar ao meu velho jogo de palavras. É engraçado, como de tempos a tempos, ele me vai ditando soluções. Sou tentado a admitir que a questão africana se resume a um problema que passa por definir os termos do sistema de equações. Um sistema de equações em que as incógnitas concertiza são duas proposições, por sinal parecidas, mas contudo, de sentido oposto e cuja inversão conduz a uma verossimilhança capaz de a longo prazo produzir o mesmo efeito do vírus informático – des-truir a memória colectiva. Quantos não teremos utilizado a proposição “colonização” onde deveria ser utilizada a “civilização”, para solucionar tal equação? Pensando bem, a que nos conduz uma tal inversão de termos? Deve ter interesse constatar o resultado!?

E não é difícil. Imaginemos que a incógnita do nosso sistema de equações é “civilização” e admitamos no seu lugar a “colonização”; teremos a inversão perfeita de tal forma que no lugar do “civilizador” que deveria ser cada um de nós, teremos um “colonizador” que não deixa de ser cada um de nós. Basta olhar para o dicionário! (*)

Logo, terei um “colonizador” africano em África no lugar de um “civilizador” africano em África.

Bem vistas as coisas tudo se resume a uma questão de termos.»

(*) do dicionário:

Civilizar: tornar civil; educar; dar rumo às coisas; polir-se; melhorar o estado intelectual, moral ou material de um povo, dum país, uma região; progredir.

Colonizar: estabelecer colónias ou colónias; arrotear e cultivar terras no ultramar e trazer à civilização as populações que as habitam; levar hábitos de trabalho às terras desaproveitadas pelos seus donos indolentes.

Ouvi um barulho e a minha atenção dirigiu-se para o ângulo da porta, interrompendo assim o meu raciocínio atabalhoado e a minha procura frenética de saídas do labirinto com soluções para a minha equação.

Deviam ser dez horas da manhã e a sua presença foi para mim surpreendente e agradável. Não pude, contudo, deixar de manifestar, em tom apimentado:

– Podias, ao menos, anunciar-te. Um dia pago caro pelos sustos que me pregas! Já lá vai a idade em que as surpresas nos desafiavam.

– Sabes que detenho as chaves com que se abrem e fecham certas portas. De que adiantaria anunciar-me. Qual seria a diferença entre veres-me sentar e encontrares-me sentada? – Perguntou insinuando-se, enquanto se sentava diante de mim.

Ela situava-se entre aquelas pessoas que se podem permitir algum ar arrogante e sabia-o.

– Sempre podia apreciar o acto... – Respondi eu com alguma ironia.

– Qual deles? – Interrompeu-me induzindo-me o pensamento – o de sentar ou de estar sentada; o de cruzar a perna ou de a ter cruzada; o de ler o jornal ou o de pegar nele... – foi-se pronunciando, insinuando gestualmente cada frase – como vês continuou – não há muita diferença. Se queres saber, a surpresa testa-nos e se é verdade que a vida não pode ser uma eterna surpresa, de quantas ela não se faz e, quantas boas não queremos nós!...

– Quando chegaste? – perguntei cortando um pouco o tom da conversa, pois já me reconheço bem nestes jogos de força em que já se entra perdendo, pois a força nunca se mede ali onde a julgamos estar.

– Hoje e agora. Não sei quando parto e quanto tempo fico. Vim. Não é o que interessa?

– Já percebi – disse-lhe cortando mais uma vez o jogo que se insinuava.

Trazia vestido um fato fresco de cor salmão. Dizia bem com o seu tom castanho brilhante. De um modo geral as suas roupas eram de uma extrema, e quase clássica, feminilidade.

Não se notavam nela traços de cansaço. Leve, parecia uma colorida borboleta esvoaçando pela casa. Agradava-me bem esta imagem e sobretudo a sua companhia.

Decidimos tomar um café. Eu propus-me prepará-lo. Pouco tempo depois o café espalhava o seu aroma pela casa. Este e o do seu suave perfume misturavam-se. Escondi a excitação que isso me causava.

Sentamo-nos novamente na varanda. Eu apreciava subtilmente os seus dedos delgados a volta da pequenina chávena de café e acompanhava-lhe as expressões do rosto.

Tudo era carregado de sensualidade.

Havia nela uma presença funda e, no entanto, alguma ausência eu sempre descortinava nos seus olhos. Era uma sensação estranha.

Alguns assuntos seriam para mim sempre delicados, mas quase inevitáveis.

– Quando estamos juntos pergunto-me sempre, se estamos a viver um recomeço ou um fim da nossa relação. – Disse eu incomodado pelo silêncio que ela fazia durar.

– Pode ser que o recomeço eternize o fim ou que, o fim nos proporcione outros começos. Não sei porque te preocupas tanto em definir e distingui-los. O que te perturba afinal? – Colocava um ar de certo modo grave e ao mesmo tempo dócil.

– O que me perturba, perguntas-me. É simples como isso. O recomeço remete-nos sempre para situações já vividas e que, mesmo quando se tratam de experiências agradáveis, não as queremos como repetições. O fim pressupõe o vazio. O deixar andar, traz consigo a rotina. Entendes-me?

– O que proprias para sair desse teu “conflito interno”? De qualquer modo, as coisas não são tão taxativas!...

– Não sei exactamente. Sei do quanto me agrada estar contigo e da incomodidade que me causa, não propriamente a ausência, mas o momento em que partimos.

– A rotina, o vazio ou a repetição!?... Acho que em tudo isso há uma forte carga de passado. Eh! Há na forma como te relacionas com os factos uma forte relação com o passado. Deixas-te permanecer estático ou caminhas para frente de costas voltadas. Por isso é a rotina, o vazio e a repetição e não algo que se transforma noutra coisa.

– É a única experiência certa que possuo, o passado. E infelizmente só conheço duas formas de lidar com ele: cortar com tudo o que fica para trás, ou, deixar que tudo permaneça vivo dentro de mim

– Então acreditas que é possível cortar com o passado?... Acreditas que é possível deixar que as coisas permaneçam vivas eternamente dentro de

nós? Confesso que há em tudo isso um certo dom para o sofrimento. Mas... e a vivência! A nossa, a dos outros... O que fazes dela? O passado transforma-se com o tempo, em referência; viemos dele mas não permanecemos nele. Vivemos o presente e o presente faz-se já do ontem e do amanhã. Não podemos caminhar de costas voltadas para frente, sob pena de não vermos o que de bom pisamos, e reconhecermos apenas aquilo que já ficou para trás. Deste modo, nunca vivemos inteiramente nada, pior que isso, nunca vivemos. Mas... ignorar tudo, cortar com o passado como se nascessemos de novo... oh! isso seria apenas um sonho que tão logo se transformaria em pesadelo...

Eu fui escutando, disfarçando a perturbação que isso me causava. Estávamos a falar de coisas muito concretas e delicadas e eu tinha a consciência de que não queria sair da abstração. Seria complicado referir factos por isso deixei que ela continuasse, sem interrupção.

– Compreendo que o passado seja uma referência, mas não uma qualquer referência. É a experiência que nos permite antecipar o precipício. Se viver no passado é parar de viver, não creio que apagá-lo seja viver.

– Pode até ser assim, sobretudo, no plano teórico.

Ela encarava-me com um misto de decepção.

– Por vezes o teu cepticismo surpreende-me. Se olhasses um pouco à tua volta e encarasses a realidade que vivemos, verias qual o preço que se paga por tentarmos instalarmo-nos no passado. Aquilo que seria tão só uma referência válida na história, aparece aos nossos olhos transformado numa bandeira sobre a qual nos deitamos, ou na qual nos agarramos para erguer o futuro. Será que é a nós que compete pagar os erros da história? Os erros não ficam impunes, é evidente. Mas não será que o culto do passado nos reconduz à utopia de tentar repôr ou refazer o percurso da História? Quantos arrastamos connosco? Terão eles a mesma bandeira e as mesmas glórias para cantar? Terão eles a nossa visão da história e a mesma motivação? Ou servir-mo-nos das suas motivações imediatas? Reconheço como é tentador... Mas...

– Sabes perfeitamente que quando extrapolamos a esfera do estritamente pessoal conseguimos facilmente dialogar e claramente acordar...

– Só que começamos a sofrer individualmente dos males gerais. É mais deles que morremos do que das nossas angústias pessoais, ou melhor, as nossas angústias são já feitas de males gerais.

– Talvez tenhas razão. Deve ser um luxo morrer de cancro quando se morre de cólera. A verdade é que se eu tiver cancro, a dor que isso me

causar, vai superar qualquer outra dor e pode até ser que...

O telefone tocou e eu levantei-me para atendê-lo. Era uma voz feminina do outro lado.

– É para ti. Ainda mal chegaste e como vês já há quem procure por ti. Pagava para saber o que duas mulheres fariam agora. – Disse-lhe num tom brincalhão.

Iniciou-se uma longa conversa, como aliás são de um modo geral as conversas femininas. Contudo, entre algumas banalidades percebi que discutiam uma teoria subjacente a um trabalho de investigação sobre os mecanismos de transmissão do poder em África versus Angola e na qual eu veria reflectida algumas teses já afloradas num grupo restrito de intelectuais angolanos, sobre a legitimidade com que os poderes instituídos se transferem, ou melhor dito, como se processa a sucessão no poder político.

As longas conversas exigem sempre de nós descontração. Talvez por isso, ou quem sabe, pelo elaborado instinto de sedução feminino, ela foi-se desfazendo das sandálias primeiro, do relógio, da saia, por fim, soltou o cabelo, que nem por isso era longo e, deixou-se ficar de blusa apenas. Insinuavam-se alvas, as cuecas por entre as pernas nuas.

Quando ela terminou o diálogo estávamos prontos para o amor.

Eu estava uma vez mais vencido. Contudo, não me sentia assim, ou talvez se tratasse daqueles casos em que vale a pena sair vencido, mesmo porque, a questão não tenha tanto haver com vencidos e vencedores, mas com aquelas coisas que ao sentirmos, conseguem transformar o nosso olhar sobre o mundo e a forma como tocamos as coisas.

Eram cerca das sete da noite quando nos levantamos. Sem confusão de roupas, fomos descobrindo as coisas na escuridão que inundava a casa, percorrendo-a de um lado ao outro, com um certo bom sabor a cansaço, mas nem por isso derreados.

A luz de uma vela trouxe-nos a certeza dos objectos. Ela foi então descobrindo como pôr a tocar um rádio de pilhas e eu, depois de servir o resto de um batido de frutas, fui apreciar a noite escura que poisava sobre a cidade. – Mal ouvia o ensurdecido barulho dos geradores.

O meu olhar caía agora sobre as coisas, renovado e renovando-as e o meu ouvido não captava mais do que o som conciliador desse olhar.

A minha cidade escura transformara-se aos meus olhos numa cidade de neón. À volta de cada prédio, de cada casinha ou árvore, à volta dos barcos que navegavam sobre as águas distantes, ou sobre as águas paradas da baía, uma fina placa de luz sobressaía.

As luzes que se descortinavam das janelas das casas, ainda que ténues luzes de candeeiros a petróleo, bem como, as luzes dos carros que circulavam pelas ruas remetiam-me para os jogos de luzes e fogos de artifício das feiras da minha infância.

A velha fortaleza de S. Miguel, muito se assemelhava aos velhos e mágicos castelos das estórias de então.

A cidade crescia dentro dos meus olhos, sob o brilho das estrelas e da cumplicidade de um luar crescente.

Eu sentia-me pequeno como a criança de então, com um coração grande que pulsava com força dentro do peito.

Se eu tivesse que construir uma cidade naquele momento, estou certo que ela teria nascido assim, toda feita de fantasia como estas. Uma cidade com mágicos e coloridos candeeiros artesanais, feitos como os de farinha de arroz das cidades chinesas em festa; uma cidade com a luminosidade que me lembrasse o fogo de artifício reflectido nos lagos artificiais; transformaria certamente a fortaleza na síntese de todas as feiras que os meus olhos já puderam admirar e a minha mente reinventar: cheia de luz, cheia de cor e esplendor, cheia do calor e da audácia das gentes da minha terra e com a magia da música e da dança. Oh! Com a percursão sobre o morro, sobre a praia, sobre a cidade...

Eu estava aliás a construir essa cidade assim, quando o som de uma música chegou até mim vinda do rádio de pilhas. Foi então que as suas mãos me enlaçaram novamente e o contacto do seu corpo despertou-me para uma realidade, da minha cidade reinventada.

A música foi tomando conta dos nossos corpos e a dança aconteceu sem qualquer esforço. E foram vindo novas músicas e novas danças aconteceram. A magia fez o momento e fomo-nos entregando a ele sem reservas.

Quando voltamos a reconhecer o corpo um do outro acabavamos de despertar do sono, pelas picadelas dos mosquitos.

Com tudo quieto escuro e calmo, recolhemos para nos escondermos do amanhecer.

V

O domingo decorrera calmo, passara trazendo consigo a segunda-feira. Ela trabalhara imenso escrevendo, enquanto que eu, relaxado, lia.

De vez em quando ela buscava a minha opinião sobre questões pontuais do tema que preparava para apresentar no dia seguinte. Discutíamos então um pouco, nunca tão profundamente, pois ela preferia não discutir a globalidade do tema comigo, o que eu respeitava.

A segunda-feira começara como todas as outras, preguiçosa. Apesar disso, com as habituais responsabilidades de cada um.

Dirigimo-nos, pela marginal, até a Reitoria da Universidade.

Eram perto das 9 horas, e as pessoas começavam a ser encaminhadas para a sala onde iria acontecer o encontro.

Os participantes ao encontro foram-se acomodando nos seus lugares e abrindo os prospectos que ali se encontravam, para tomarem mais uma vez contacto com o programa de abordagem dos temas.

O Nobre Salão da reitoria apresentava-se cheio e havia até algumas pessoas de pé.

Pelo programa e pelos presentes todos previam uma discussão acalorada e profunda. Eu, talvez pelo meu elevado grau de cepticismo, habituado que estava a apatia geral, fazia por não apostar.

Contudo, seriam expostas algumas teses novas e acreditava-se ser possível obter alguns resultados sérios.

O organizador do ciclo de conferências era um angolano que deixara Angola em 1974, quando tinha 16 anos, como consequência da ida dos seus pais, logo após os confrontos dos três movimentos de libertação, a

UNITA, o MPLA e a FNLA.

Era um homem cheio de sonhos e de dinheiro para os realizar. Mas sobretudo aprendera a movimentar-se bem nas áreas onde o dinheiro se gera a si próprio. Não estava pois entre os tantos angolanos que haviam partido nas mesmas circunstâncias do momento.

Filho único herdara dos pais uma boa soma e bens, frequentara colégios nobres, formara-se e adquirira graus em Administração e Gestão em Londres e decidira-se agora pelo regresso à Angola. Trazia consigo a grande esperança do reencontro de um amor de adolescente. Um amor cujos contornos se misturavam com os da terra. Tal era a simbiose, que mal ele percebia que dentro de si o rosto da rapariga e o da terra eram apenas um.

Um misto de medo e desafio o fazia ansiar pelo encontro com aquele rosto idílico perdido na adolescência, levando-o a esquecer que o segredo dos reencontros, está na imprudência de um cepticismo excessivo ou de exageradas expectativas inconscientemente guardadas. E é essa imprudência que nos atira para uma distorsão grosseira e violenta das imagens do passado; ou, que nos impõe uma aventura inesperada. Num caso ou no outro somos surpreendidos pela novidade nunca esperada.

Como tantos outros ele guardava do passado uma imagem estática. O reencontro com a terra e o choque que a deterioração produzira nele faziam-no admitir que tanto a terra como a rapariga, seriam para ele apenas rostos de beleza desbastada pelo sofrimento. Como poderia ele admitir o contrário? Como poderia ele, depois de olhar para a crua imagem da sua terra, perceber que a maturidade que o sofrimento impunha àquele rosto feminino, poderia torná-lo mais belo ainda, como uma perfeição que a tudo resiste?

Mas, para além desse reencontro intimamente esperado, o nosso angolano trazia também um sonho – o sonho talvez ingénuo de investir na área do ensino e, melhor, do ensino superior.

Pensando bem, era um sonho nobre e, porque não, até possível. – Uma universidade, um instituto privado, porque não!?

Estava criando esses ciclos de conferências, na medida em que, defendia que, era preciso criar um clima de maior abertura intelectual, para que as portas se abrissem ao seu projecto e as pessoas pudessem aderir ao mesmo com uma consciência participativa.

Era o terceiro ciclo, e tinha conseguido grangear a simpatia de gente jovem, nada mais do que séria e interessada, e, de alguma gente adulta que,

apesar de tão fechada no seu cepticismo, estava disposta a prestar a sua anuência a projectos que se mostrassem viáveis e dignos, pela identidade que lhes reconheciam em termos de ideais. Na verdade, jovens ou adultos, eram pessoas que acabavam sempre por tomar parte activa nas discussões. Já se começava a acreditar no projecto e havia financiadores apostando, o que era fundamental para um projecto desta natureza.

Este ciclo previa a exposição e discussão à volta de quatro painéis temáticos aparentemente distintos mas essencialmente interligados. “O direito à diferença – o direito à diferença em Angola” seria um deles. Os demais painéis incluíam a abordagem de um tema de sociologia política sobre “Os mecanismos de transmissão do poder em África/Angola”, a exposição de trabalhos na área económica que incidiam sobre “Produção e distribuição da riqueza nacional”, e na área da Engenharia exposições ligadas ao velho, mas novo, tema “Energia, transportes e comunicações – trinómio para o desenvolvimento em Angola? – Que premissas?”.

Fui passando os olhos pelo programa e pude constatar que, apesar da grande generalidade das temáticas, os trabalhos dos oradores circunscreviam-se a questões precisas. Percebi também que entre os oradores Ela seria a primeira a apresentar o seu trabalho.

É engraçado como por vezes nos descobrimos enciumados sem sabermos identificar exactamente porquê!... Eu sabia que desta vez o seu regresso não tinha unicamente a ver comigo. Apesar disso, fui ficando ansioso e nervoso, como se fosse eu a expôr o tema. Contudo, um indecifrável sentimento de perda se misturava e confundia em mim.

A mesa compôs-se e algum silêncio começou a instalar-se no Salão Nobre. O organizador apresentou-se e apresentou os demais. Não reconheci nenhum dos componentes da mesa, à excepção do apresentador. Explicou um pouco sobre as suas razões e introduziu os temas.

Em breve, vi-a levantar-se por entre os restantes oradores, após a brevíssima apresentação, que dela foi feita pela mesa e que a meu ver, pecava porque incompleta. – Se tivesse que a apresentar, por certo, não o faria assim. Ela é antes demais uma Kyanda – pensei.

Porém, certamente, as apresentações públicas e profissionais, excluem referências pessoais que dizem muito mais de nós, do que quaisquer trabalhos que elaboramos.

– “Minhas senhoras e meus senhores” – começou – Caros amigos e amigas – fez uma pausa e olhou para mim. Senti-me lisongead, como

se ela esperasse vir de mim algo que solidificasse a sua segurança, mas sobretudo, como se ela me transmitisse, o que ia passar a dizer, antes mesmo de o dizer aos demais. E continuou, saudando primeiro e depois, de forma grave, pausada e eloquente:

– Falar-vos-ei do “Direito à diferença”. – A sua voz soava-me dócil. – É no olhar vertical que nos reconhecemos uns aos outros. É nesse olhar que nos aceitamos e é também nesse olhar que nos excluímos, porque nele nos evidenciamos. A proposta que vos trago não é senão a do exercício desse olhar e o propósito é o da aceitação, mas pela diferença... Tenho pensado muito nos últimos tempos como apesar da identidade que possuímos, somos “mais diferentes do que semelhantes”, bem como, em que medida isso pode interferir positivamente na configuração do nosso espaço e em como uma articulação da complexidade das nossas diferenças pode resultar em desenvolvimento e modernização para bem da nossa semelhança...

Pensei no que de feminino havia nas suas palavras. Procurei não perder o fio do discurso, o que era difícil porque as imagens das duas últimas noites percorriam o meu espírito e misturavam-se com as do dia em que persegui a marca dos seus pés na areia branca da Xicala. Resisti e procurei agarrar o meu pensamento, tentei mesmo impedi-lo de crescer para poder ouvi-la. Foi em vão, era impossível desprender-me das imagens do passado. Das imagens e das palavras. O meu espírito em luta cedia perante a serenidade da sua voz que vinha de tão longe no tempo e as palavras de Kahlil(*) trazidas pelos seus lábios soavam-me oportunas:

«...Como pode a alma esperar pacientemente/ Até que o sono resuscite os espectros felizes/ Da esperança e do desejo?...»

Como posso eu deixar de escutar-me agora para ouvi-la se ainda a ouço dentro de mim? Interroguei-me.

«...A vigília / Levar-nos-á para mais perto das estrelas / Reguei-a com sangue e lágrimas e disse / No sangue há um sabor e nas lágrimas / uma doçura...»

Oh como é bom senti-la, ouvindo-a assim num silêncio apenas meu!

«Fica em silêncio, meu coração até que venha a manhã, / Porque aquele que espera pacientemente / A vinda da Aurora será / Abraçado saudosamente pela manhã.»

«A aurora está a despontar...»

(*) Kahlil: «Entre a Noite e a Manhã»

Eu estava longe daquela sala. O riso colectivo que se instalou fez-me descer e poisar os pés no lugar onde todos se encontravam. O meu olhar encontrou o dela. Ela em nenhum momento interromperá a sequência do seu raciocínio. Eu porém não me sabia situar, escutei apenas aproveitando a leveza do meu espírito e deixei que o seu discurso voasse por entre o espaço daquelas paredes:

– ...o espaço e o tempo, os contextos e os processos; referências a que nos remete inevitavelmente um olhar do outro pela diferença. E estes traços da diferença, afinal, não são mais do que evidências da lógica, da matemática, que se expressam na geografia dos espaços, na sociologia dos contextos e na história dos processos e percursos que são os nossos, individuais e colectivos.

É claro que, quanto melhor se equacionam as tensões entre os contextos e os processos, tanto melhor se formulam os sistemas. Logo, teremos que pensar o que é melhor para nós: um sistema em que os indivíduos se igualam ou um sistema em que os indivíduos se equivalem; Um sistema onde as tensões entre contextos (sociais) e processos (civilizatórios) se equacionem a partir do respeito e articulação do que de diferente existe entre cada indivíduo, cada espaço; ou um sistema em que as tensões entre os contextos e os processos se equacionem pela soma indiferente que nos remete a um todo...

– Porque teria ela escolhido este tema? – interroguei-me. Uma vez mais cedi a tentação de caminhar por outros caminhos que me levavam até a sua natureza... Lembrei-me do diálogo com a Velha, “há seres que não são como nós... estão no nosso meio, zelam por aqueles que são seus, vigiam o tempo e cuidam das águas”. Alguns cochichos fizeram-me voltar ao caminho do seu discurso:

– ... Na vertical se expressam as diferenças, na horizontal se anulam estas para dar lugar à igualdades; deste modo, as diferenças traduzem-se em equivalências e as igualdades em anulações ou se quiserem em exclusões. Parece tratar-se de um jogo de palavras, mas não o é... – poisou sobre mim o seu olhar, como um desafio, pois conhecia bem o meu vício de jogar as palavras. Mas não era um jogo. Atrás das palavras situavam-se sempre os conceitos.

Desde o início que eu notara que o organizador do ciclo de conferências olhava para ela de um modo estranho e perturbador. Comecei a entender o meu pressentimento. Pelo menos senti legitimado o meu ciúme.

A certa altura viu-o levantar e retirar-se da sala. Logicamente, segui-o sem nunca deixar que ele percebesse. Cá fora o homem mantinha a mesma perplexidade. Um ar de espanto ou de interrogação. Consultou alguns papéis, porém o seu semblante parecia ainda mais admirado. – O que é que estará errado, afinal? – Perguntei-me em vão.

Talvez ele se tenha dado conta da sua notória ausência da sala, procurou recompôr-se e regressou ao seu lugar. Eu próprio, também, só nesse instante me dei conta do papel ridículo que fazia. No entanto, a partir daí, nunca mais o perdi de vista. As pessoas estavam muito compenetradas e a nossa entrada perturbou um pouco o silêncio que era cortado apenas pelas suas palavras:

– ...O exercício que vos proponho fica longe disso: esse outro diferente de nós, não é apenas uma ideia ou projecção por nós fabricada. Esse outro somos nós quando é sobre nós que recai o poder de decidir sobre nós ou em nosso nome, ou quando temos que ser considerados ou pensados pelos outros. Então, não nos remetamos a um lugar marginal, pois este assenta sempre, num artifício que distorce os termos da aceitação do outro, já que envolve a consideração arbitrária entre o central e o periférico; pela mesma razão, não podemos aceitar o lugar do exótico, lugar eleito pela tentação do raciocínio fácil e superficial, ou pela subtil negação do outro. O direito de ser diferente é um direito elementar, constitucional ao qual se opõe um dever geral de abstenção. E o exercício de um tal direito só esbarra com limitações do exercício de direitos de igual natureza...

A sua linguagem tornou-se a seguir mais hermética e por vezes árida. Das premissas históricas, de conceitos puramente sociológicos e da linguagem filosófica e poética, ela passara agora para uma linguagem mais técnica, para premissas jurídicas, buscando referências constitucionais, do direito internacional e de alguma doutrina jurídica.

Contudo, a pouco e pouco, o seu discurso foi conhecendo a fronteira delicada entre o jurídico e o político e eu fui apreendendo alguma incomodidade que resultava da natureza das analogias buscadas e das derivações que ela fazia decorrer do simples exercício de um direito como o de ser diferente.

Nem podia ser de outro modo. Não é possível definir estratégias de

reprodução de um qualquer poder, que levem em conta esse outro ser diferente, em quem se admite pensar, decidir, fazer o bem, ou simplesmente considerar, quando tais estratégias assentam, entre outras coisas, numa reprodução de alianças ou numa instituição de privilégios, e se sustentam com simulados cultos de referências do passado.

À sua comunicação seguiram-se outras três, dentro da mesma temática, porém as abordagens foram mais técnicas e jurídicas.

Era perto do meio dia quando foi aberto o período de contribuições às comunicações apresentadas e de perguntas aos oradores.

Muitas e polémicas foram as perguntas apresentadas. Porém, já se havia esgotado a manhã. Suspendeu-se, então, a sessão para continuar no período da tarde.

As vozes inundaram a sala numa troca frenética e acalorada de pontos de vista entre os participantes, enquanto se dirigiam para o exterior.

Aproximei-me dela e da amiga para dar-lhe os parabéns pela apresentação. Enquanto falava com ela a minha insegurança interior crescia. Davame conta agora que em momento algum eu perdera de vista os movimentos do organizador do ciclo de conferências.

Ela aproveitou para me prevenir para não esperar por ela. Logicamente iria almoçar com a amiga, com a organização ou com algum dos participantes.

Como era de esperar, enquanto falávamos o organizador do ciclo de conferências aproximou-se e iniciou com ela a conversa que eu temia. Afastei-me e acompanhei apenas discretamente o seu diálogo gestual.

Em boa verdade, não era apenas um simples diálogo, era um reencontro, uma redescoberta.

Um agradável espanto tomava conta dos seus rostos e sem mesmo que eu quizesse, não pude deixar de partilhar com eles o prazer desse momento tão inesperado.

Era cerca da uma da tarde. O sol estava abrasador. O dia radiante. Em breves segundos mais, deixaríamos todos o local e trocaríamos tudo aquilo por uma boa refeição.